

## 2 - Essa luta não é pouca

*Clara Opoxina*

Cheguei a Roraima em 2012 e conheci a história da invasão do garimpo na Terra Indígena Yanomami em livros, em registros. Era tudo muito distante de mim. Quando comecei a trabalhar na área, ouvia falar de garimpo, mas assim: “ah, tem um garimpo longe, não sei onde”. Não trabalhava perto de garimpo, não era uma ameaça e nem se via quão afetado estava o povo Yanomami. Se alguma das comunidades estava, era longe; próximo de nós, não havia nada.

Mas agora, principalmente nos últimos quatro anos, estourou essa situação que estamos acompanhamos. Foi muito rápido, como disse Maria Stella Castro Lobo (neste volume). Acho que o número de vítimas Yanomami neste momento é muito maior do que foi no passado, pelo que ouço dizer. Hoje os garimpeiros conseguiram se instalar dentro das comunidades e fico me perguntando por que tão perto. Acabaram com a água, acabaram com a comida, porque a base proteica dos Yanomami é a caça. Como disse Paulo Basta (neste volume), eles eram coletores, mas passaram a ficar mais sedentarizados, porque uma coisa é ir ao garimpo de vez em quando para fazerem trocas, outra coisa é ficarem ali o tempo inteiro.

O garimpo entrou nas comunidades de uma forma assustadora para mim, que trabalhei na região das Serras

ao redor de Surucucu. Quando voltei lá, em 2021, já com o garimpo instalado, ouvia as minhas colegas comentarem que no Xitei estava ruim, o garimpo crescendo muito. Mas eu não imaginava, não tinha ideia da proporção daquilo, até sobrevoar e ver de perto. Foi muito triste, como se fosse um filme de terror. Quando entrei para trabalhar há 10 anos atrás, eu sabia que tinha havido garimpo ali 20, 30 anos antes. Quando eu fazia as caminhadas e passava num igarapé que tinha sido remexido, dava para ver a natureza se recuperando, mas dava para ver também os resquícios do garimpo antigo; até próximo do posto Xitei, há restos de maquinário dos anos 80 jogados lá. Era assim, uma história antiga, resquícios, e os velhos contavam, furiosos, daquele período que já estávamos começando a esquecer. Mas eu já tinha as minhas indagações sobre o tipo de assistência que estávamos prestando, eu não achava que era boa assistência, que tínhamos materiais e condições, mas havia muita coisa a melhorar. Sempre nos meus relatórios eu colocava: “olha, precisa disso!”

A estrutura do lugar onde comecei a trabalhar na região da Serra continua a mesma, não teve mudança nenhuma em 10 anos; uns lugares mudaram, outros não. São regiões de difícil acesso, e falo aqui de estrutura. Nesta situação atual, conseguiram piorar uma coisa que já não era boa e avaliávamos que tinha muito a melhorar. A assistência como era antes, com a preocupação de formar profissionais e sensibilizá-los com essa parte da antropologia, já vem acabando

há muitos anos, muito antes deste genocídio implícito. Eu já tinha sentido essa dificuldade quando entrei há 10 anos, tanto que, no dia da minha entrevista, eu tinha estudado muita coisa da cultura Yanomami, tinha lido bastante, porque achei que eles iriam perguntar alguma coisa particular sobre isso, não só de saúde, e não perguntaram absolutamente nada. Não tive uma iniciação antropológica, nada disso. Hoje eu conversava sobre isso com o coordenador do DSEI Yanomami, que também conhece a área, conhece os Yanomami, da importância de se sensibilizar os profissionais. É claro que os desafios são gigantescos. Ainda não conseguimos acessar uma grande parte da área, mesmo com todas as ações que têm sido feitas no último mês. Ainda está acontecendo a desintrusão dos garimpeiros e as equipes médicas estão extremamente fragilizadas. Só conseguem atender nos postos de saúde, transportar os doentes para os postos principais e prestar atendimento ali.

Não conseguimos avançar mais do que isso, mas eu acredito que vamos conseguir, só temos que ter paciência. É o que digo para mim mesma todos os dias, é terrível não poder ir até lá, mas, ao mesmo tempo, sabemos que não podemos pôr a nossa integridade física, a nossa segurança em risco. Está se montando uma estratégia de atendimento, acredito que mais uns 15 dias, vamos conseguir, ou melhor, já conseguimos avançar um pouco, conseguimos ir a algumas aldeias, mas não as mais complicadas, porque, infelizmente, vamos ter que esperar por algumas coisas. Eu sei que para

os Yanomami está muito difícil essa espera. Mas, ao menos com os regastes, quando eles chamam, temos conseguido atender.

Estamos falando hoje da reconstrução da saúde Yanomami como um todo, começando pelas emergências, atendendo as pessoas sem assistência. Estamos muito longe de propostas como eu gostaria e quero fazer, trazer de volta os microscopistas, fazer cursos, reuni-los, saber quem eram os microscopistas, quem pode ser agora, como treiná-los, porque não vamos controlar uma das principais doenças, que é a malária, sem o apoio deles. Isso é fato e já vem de anos, na época descrita por Stella (neste volume). O foco principal era a atuação deles, mas, de uns anos para cá, foram sendo deixados de lado, não existem mais aqui, só no Amazonas. Ainda há Yanomami microscopistas. Em novembro do ano passado, fizemos um curso no rio Marauíá e foi muito importante, porque eles estão lá, são moradores, fazem o diagnóstico o mais rápido possível.

Mas as coisas vêm se transformando e as exigências aumentando: é preciso ter escolaridade, a aprovação do LACEN para tudo isso. Como tenho proposto, as organizações indígenas devem lutar conosco para isso, embora estejamos —porque nem conseguimos chegar lá—nos lugares mais afetados. Chegar, até chegamos, mas para buscar e trazer muita gente, famílias inteiras, para tratamento de malária, remover para o hospital quem está pior, tratar a desnutrição na base de Surucucu. Isso nós conseguimos fazer agora, que há

remédios. Mas até muito pouco tempo atrás, nem remédio havia. Estamos um pouco mais aliviados, porque com remédios podemos, ao menos, tratar ali. Mas, como não é suficiente, alguns líderes e alguns profissionais não querem isso e lutamos para melhorar.

Agora com o DSEI sob intervenção federal, os olhares sobre as ações que estão acontecendo e o interesse do governo federal, entendo que não se trata só da saúde, mas de retirar os garimpeiros e limpar a floresta dessa invasão toda. É isso que está acontecendo, tudo junto e muito rápido, como nem eu imaginava que seria possível. De repente, começaram a lançar todas essas coisas na mídia e o Presidente vem a Boa Vista e conhece a CASAI, esse lugar que, nos últimos anos, não tem dado condições para as pessoas ficarem lá. Ele foi lá e viu com os próprios olhos. Então, eu me sinto um pouco mais aliviada. O que sinto hoje é que o resto do Brasil e o mundo está assistindo a essa tragédia junto comigo, sinto que não estou sofrendo sozinha. Há quem vê a situação e não se sensibiliza e diz: “ah, é venezuelano”! E o que importa se for venezuelano, é um ser humano, venezuelano ou não. É muita estupidez o que se ouve. Mesmo com todas as informações, com tudo que está vendo, ainda diz: “ah, não acredito nisso, não é tanto assim”. Não lhes importa se essas pessoas estão morrendo, porque questionam: “ah, mas será que é verdade?”

Tenho falado muito também sobre reportagens, imagens e tudo e já estou um pouco cansada. Nem acompanhei tudo,

porque eu acabei de chegar, passei 20 dias lá na área. A internet não estava ajudando muito, não consegui ver muito, mas quando ligava a internet ou o celular, via muita coisa. Os Yanomami agora me disseram: “não, a gente não quer mais que nos mostrem assim, vamos falar de futuro, de reconstrução, vamos falar de coisa boa”, não dá para continuar a falar dessa tragédia. Ela foi mostrada num momento e é muito importante que as pessoas vejam e que isso fique registrado na história e, de preferência, entre para o ensino médio, para o ensino fundamental. Para que as minhas filhas ou toda a sociedade brasileira, gente que hoje é criança, adolescente, saibam que, em 2023, partindo do governo, tentou-se exterminar uma população indígena e destruir a língua, a cultura, a vida, a floresta. Tudo isso é um patrimônio da nossa humanidade, do futuro do planeta. Que fique registrado, mas eu, particularmente, não quero mais continuar falando disso, agora é falar de futuro!

Estamos com várias ideias, há pessoas que estavam presentes no passado e agora estão voltando para atuar conosco. Estamos construindo um plano de mapeamento com um amigo que está trabalhando com a FUNAI, também fala a língua. Estamos tentando entrar, mapear as situações de risco social, de risco ambiental, de insegurança alimentar, para fazer propostas, mas em diálogo com as comunidades. Queremos ouvir deles o que estão pensando sobre o futuro. Imaginem! Invadiram suas casas, acabaram com tudo ao seu redor. Quando eu chego de helicóptero para fazer um resgate e vou embora, eles ficam com aquele olhar vago. Por estes

dias, consegui falar com alguns e disseram: “ah, os garimpeiros estão indo embora”, com os invasores indo embora, então não viria mais a saúde, “será que a gente está abandonado por todos, assim?”

É claro que eles confiam muito no que têm também como medicina, sempre houve medicina ancestral. Nestes últimos quatro anos, quando não conseguíamos ir até lá, eles mesmos se curavam com sua medicina ancestral e curaram vários! Mas, aquele olhar triste e vago significa: “o que será que vai acontecer?” Ao mesmo tempo, não sinto tanta preocupação, eles são um povo muito forte, com muita confiança interna. Agora, precisamos observar o sistema migratório deles. Creio que a maioria dos grupos não vai ficar ali parado onde não há comida, onde a água está suja. Se ficaram ali parados foi por aliciamento para trabalhar, porque, em grande parte desses lugares, estavam trabalhando, a mão-de-obra era deles junto com o pessoal que vinha de fora. Faziam vários tipos de serviço em troca de comida com valores absurdos, já mostrados na mídia. É absurdo para todo mundo.

Creio, então, que vamos observar agora o sistema migratório, para onde eles vão, onde vão se instalar e tentarmos ir até eles e ver essas situações de saúde. E assim, o mais breve possível, com o apoio, claro, da segurança, acredito que nos próximos dias vamos conseguir atender aqueles lugares para onde não temos conseguido ir. Também me dá esperança saber que, finalmente, finalmente, de alguma forma, vai ter que acabar essa degradação toda, porque destruíram muito, muito

do território, numa região, várias regiões, que são complexas. Na região das Serras, há conflitos internos entre os Yanomami, há questões de espaço territorial e o que eles fizeram ali, é muito complicado. Só não vou dizer que é irreversível, porque, com a sabedoria ancestral deles, acredito que podem achar outros lugares, desenvolver técnicas para viver, mas vão precisar muito do nosso apoio.

Outra questão que queria levantar é sobre essa cesta básica que está sendo entregue lá, eu já até coloquei no meu relatório. Cesta básica agora, imediatamente, pode ajudar alguma coisa. Mas não pode ser: “olha, mês que vem eu vou voltar aqui e trazer cesta básica”. Não se pode continuar a levar cesta básica, porque não é isso que vai resolver. Precisa levar ferramenta, sementes. Os Yanomami são coletores, mas, nos últimos dois, três anos, por conta do garimpo, algumas comunidades se sedentarizaram. Quem sabe, vão achar outro lugar, vão querer ficar, vão querer plantar mais, eles também têm as suas roças, mas não assim: “ah eu sou agricultor, vivo da roça”.

Também tenho esperança que a floresta possa ter silêncio e os animais voltem e eles possam comer carne. Fico muito triste, principalmente, quando como carne. O pessoal lá, convivendo com aquelas crianças mega-desnutridas, diz: “ah eu fico triste quando vou comer qualquer coisa”. Mas eu fico triste mais quando como carne, porque há criança de três anos que não comeu um pedaço de carne desde que nasceu! Crianças pequenas de uma região invadida nunca viram um pedaço de carne, carne de caça, carne do mato. Com três

anos de idade, a idade da minha filha mais nova, não comer um pedaço de caça, só de frango, tambaqui que os garimpeiros deram, mas não deram de graça, deram porque a família trabalhou. Mas essas crianças nunca comeram a carne de veado, não comeram a carne de paca, isso não existe mais!

Então, precisamos ajudá-los a ter saúde, a encontrar os seus caminhos, porque são eles que vão decidir onde querem viver, do jeito que querem viver. Dar cesta básica vai sedentarizar essa população e aumentar a desnutrição que não havia nas comunidades. O que se deve fazer, acredito, é algo emergencial, de ciclo rápido e trabalhar para melhorar isso. É observar toda aquela região que está muito afetada e ir levando as informações: “olha, está aqui seu saco de semente, está aqui sua ferramenta, este milho você planta assim, etc.”. É por isso que eu e o meu amigo da FUNAI, que trabalha há 26 anos na área, estamos tentando montar um plano de trabalho de modo que possamos nos deslocar mais pela região das Serras, para mapearmos o que se está comendo, o que ainda se consegue, porque ali há um corredor de degradação de quilômetros, há áreas lateralizadas nos leitos dos igarapés maiores onde os garimpos se instalaram. Mas há os igarapés menores. Precisamos saber o que ainda há nesses igarapés, o que ainda se pode conseguir. O mapeamento pode mostrar quais comunidades estão mais afetadas e quais vão precisar de mais tempo de apoio alimentar. Agora, a distribuição das cestas básicas está sendo feita assim: vai lá, chega, joga, manda para todo mundo sem muito critério, manda para um porque este ficou sabendo que

o outro recebeu e ele quer também. Sabemos que a situação alimentar não está fácil. Não sei quantos helicópteros voam, ou voavam, por dia. Há muito maquinário que impede de caçar e não há como acomodar tanta coisa. Os Yanomami tinham muita diversidade, alimentos dos igarapés, coleta feita pelas mulheres, que enfraqueceu bastante.

Há situações mais graves, outras menos graves. Há uma comunidade que não tem garimpo tão perto, mas ao redor, e ela ficou muito afetada. Formou-se um cerco em triângulo, acarretando muitos problemas para essa comunidade. Observei isso sobrevoando em volta e conversando com outros Yanomami. Ficaram fechados num círculo, o que é ainda pior. Não conseguem sequer um quilo de arroz, não conseguem trocar nada.

Termino dizendo que eu estou com esperança de verdade na reconstrução da saúde Yanomami, porque agora nós temos pessoas que estão realmente comprometidas. É preciso um trabalho gigantesco, além de sensibilização, humanização, com vários profissionais de saúde. Mas há muitos guerreiros aí que passaram estes anos na luta e tenho plena certeza e esperança que, mesmo que não seja rápido, vamos conseguir chegar, fazer vigilância, prevenção e vacina, porque a cobertura vacinal em alguns lugares é zero, crianças que nasceram há três anos não tomaram uma única vacina. Mas agora estamos na emergência, então, eu deixo a vocês essa certeza de que vamos fazer isso, claro, com a união de várias pessoas, com essa reestruturação que já está acon-

tecendo. Muito em breve, vou poder falar novamente de coisas boas, de aldeias que conseguimos atender, dos Yanomami que estão conseguindo se alimentar por si mesmos, que está dando certo a sua sobrevivência. No momento, é esperança e reconstrução. Já está acontecendo, vai acontecer o hospital de campanha em Surucucu por uma organização não governamental, junto claro, com o governo federal. Esse hospital vai dar muito apoio, porque ali é o ponto estratégico para onde trazemos os doentes mais graves e evitar que se traga tantas pessoas para a cidade, como hoje em dia para a Casa de Saúde, que está superlotada. Temos essa esperança e eu quero deixar um forte abraço e dizer que, mesmo com tudo isso, o povo continua alegre, firme, cheio da força dos *xapiri*, os espíritos da floresta. É impressionante como os velhos xamãs trabalharam nestes últimos tempos para derrubar esse genocida e eles dizem, têm consciência de que foram eles que ajudaram espiritualmente a derrubar esse assassino. Agora vamos continuar nessa luta que não é pouca, não vai acabar agora, mas estamos cheios de saúde com fé e esperança!